

O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 2010
ANO XXIV, NÚMERO 7.916

CADERNO 2

TELA QUENTE
EM BERLIM. PÁG. 8

Féna

África

Lauro Lisboa Garcia
RECIFE

Com saudações aos orixás e loas entoadas pelo Grupo Voz-Nagô, na abertura do carnaval do Recife na sexta-feira, Naná Vasconcelos comandou cerca de 600 batuqueiros de 17 nações de maracatu no Marco Zero. Os homenageados foram a Estrela Brilhante de Igarassu e os Caboclinhos Tribo Canindé do Recife. Sem a presença de grandes astros da MPB dos últimos anos, o percussionista voltou ao "ponto de referência" do trabalho que vem realizando há nove anos com os batuqueiros na abertura do carnaval. Com isso gradativamente Naná monta seu roteiro de volta à África, onde tudo começou. "Revimos essa experiência com os artistas pop brasileiros e sonho em, daqui a um ano ou dois, trazer artistas africanos. Tenho essa ideia de aproximar mais o Brasil da África. Pernambuco e o Nordeste são o caminho mais próximo para chegar à África, pela travessia do Atlântico", ilustra o músico.

Antes disso, no dia 23 deste mês, Naná viajou para Luanda, em Angola, para realizar uma oficina com 30 crianças, depois segue a Porto, em Portugal, para fazer o mesmo com outras 30, até o dia 30 de março. Elas vão se juntar a outras 60 do Distrito Federal num concerto dentro das comemorações dos 50 anos da fundação de Brasília, no dia 30 de abril. O concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, sob a regência do maestro Gil Jardim, será realizado na sala Villa-Lobos, em Brasília, e Naná vai reger o coro de 120 crianças. A iniciativa é do Projeto Língua Mãe, que tem Naná como centro gravitacional.

Da mesma maneira como fez com os homenageados no carnaval da capital pernambucana este ano, o evento tem relevância por valorizar a música e a cultura dessas comunidades, aliada à oportunidade de integração cultural e socialização entre essas crianças que falam o idioma português. Todas as oficinas e o concerto serão registrados para sair em DVD. Naná também é personagem de um documentário de Eric Laurence, sobre seu trabalho com os maracatus (leia abaixo).

Naná Vasconcelos une Angola, Portugal e Brasil em concerto, quer trazer músicos africanos para o carnaval e filma com mestres do maracatu

tinua. "Tudo isso é fascinante, como a África vê o Brasil, então eu quero juntar essas coisas."

Naná quer que os africanos venham vivenciar essas transformações do que eles deram ao Brasil e que o País também veja o que fazem os africanos de hoje. "O que se conhece são os africanos que entraram na música pop, entrando pela França e tal, mas parou por ali e, de certa forma, quase perdeu a identidade. Eu me lembro que vi King Sunny Adé pela primeira vez nos Estados Unidos, e a banda dele parecia uma tribo africana. Dois meses depois já estava de botas e blue jeans. Isso de certa forma me incomoda muito e me faz prestar a atenção de como é fácil perder a identidade quando você faz sucesso ou tem muita informação."

Naná tem a mesma visão dos maracatus, embora sugira que eles "abram o leque" e montem pequenos grupos para poder viajar com shows e workshops e propagar sua história, o que muitos entenderam e aceitaram, o que era impensável antes. "Era até proibido pensar dessa maneira. Mas os maracatus já não são mais os mesmos nesses nove anos em que trabalhei com eles, estão aprendendo a lidar com o que se chama de 'mercado'. Algumas nações têm novos instrumentos, como o timbau e o djembê, que outras são contra. Isso não descaracteriza o maracatu, fica na linha do tiro. Mas eu não vou meter a mão em buraco de tatu. Acho que o maracatu não vai perder a identidade porque é um ritmo muito peculiar, único, e nunca vai ser um Olodum, mas também não quero bater nessa tecla."

Ele, que rejeita condição de mestre, explica que musicalmente a diferença do maracatu para o samba é que neste os instrumentos de improviso são os de timbres agudos: tamborim, repique, cuica, pandeiro. "Os que fazem a marcação são os graves. No maracatu é o contrário: o que marca são os instrumentos agudos, agogô, ganzá. Os que improvisam são os graves, os alfaia, que é sempre uma família de três. Como tem na tradição africana: é o avô, o pai e o neto. O pai, o filho e o espírito santo." ●

O repórter viajou a convite da organização do carnaval do Recife

OTÁVIO DE SOUZA/DIVULGAÇÃO

Filme vai fundo nas relações de Naná com os maracatus

Com título de *Terra, Batuque, Trovão*, documentário de Eric Laurence, em fase conclusiva, vai ser exibido na TV e sai em DVD

RECIFE

A relação de tripla aliança no maracatu, para Naná também se traduz em três elementos: "Terra, batuque, trovão". Não por acaso é esse o título do documentário que Eric Laurence vem fazendo com ele e as nações que participaram desses nove anos de carnaval no Recife. Naná e Eric foram ao meio do mato com o mestre de uma das nações para ver onde se corta a macaíba ("escondido do Iba-ma, porque agora é proibido").

"A macaíba é cortada e cavada pra fazer a alfaia, que pesa uns 30 quilos. Então, como o material é extraído da terra e constrói a alfaia pra fazer o batuque, o som do batuque é um

trovão", diz Naná. "Isso vem de uma lembrança que tenho de infância. Morava numa casa que tinha telhado de zinco e quando chovia fazia muito barulho. Uma vez estava deitado e escutei uns estrondos achando que era trovão. Mas não estava chovendo. Não era trovão, era maracatu. Então ficou essa imagem para mim."

Agora Naná e Eric voltaram ao bairro Sítio Novo, onde tomava até banho de riacho ("hoje é outra história") e lá reencontraram amigos de infância e registraram imagens da confecção dos tambores, cobertos com couro de bode, e do processo ritualístico do maracatu, que tem relação com o candomblé. "Não filmamos só os ensaios,



PARCERIA - Eric (E) vai filmar a história musical de Naná para outro DVD

mas conversas de Naná com os principais, os mais conceituados e antigos mestres do maracatu", conta Eric, que vem acompanhando o percussionista nestes nove anos envolvido

FILIPE OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO

com a abertura do carnaval e está com o filme quase pronto.

"Hoje há uma proliferação de blocos de uma forma até desordenada", observa Eric. Por isso, também é importante destacar o papel de Naná na orientação e na relação de respeito e amizade com as nações de maracatu mais importantes. "Quando fiquei doente dois anos atrás, eles todos se uniram numa corrente espiritual muito forte para eu me curar", lembra o músico. "Todos eles reverenciam muito Naná", comprova Eric. "Optei por fazer um documentário direto, deixando todo mundo livre, à vontade, e a câmera ligada, como se ela não estivesse ali. O filme ficou muito rico nesse aspecto sobre o

som do maracatu. Vai ter um perfil muito informativo", diz.

A realização de *Terra, Batuque, Trovão*, a princípio só para a televisão e futuro lançamento em DVD, foi bancada pela prefeitura do Recife e faz parte de um projeto mais amplo, envolvendo o músico e o diretor. É outro DVD, que vai se chamar *Tudo Preto*, contando toda a história musical dele. "Vai ter também um show em torno dos quatro elementos da natureza mais a vida, porque a música de Naná é muito orgânica e mítica", diz Eric. Entre os convidados estarão grandes nomes com quem Naná trabalhou: Egberto Gismonti, Milton Nascimento, Pat Metheny e o grupo Uakti. ● L.L.G.